
Borges, Jorge Luis. *O Aleph*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 156 pp.

Ponto primeiro: a tradução de *El Aleph* feita por Davi Arrigucci Jr. é na verdade uma *retradução* para o português brasileiro do conjunto de dezessete contos de Jorge Luis Borges publicado originalmente em 1949. O livro havia sido traduzido anteriormente por Flávio José Cardozo e lançado em 1972 pela extinta editora Globo, de Porto Alegre. Em 1997, o volume foi relançado em nova edição, desta vez com a tradução de Cardozo revisada por Maria Carolina de Araújo e Jorge Schwartz e editada pela editora Globo (SP). No final de 2006, a Companhia das Letras comprou os direitos de publicação da obra de Borges no Brasil e anunciou que publicaria separadamente todos os 35 volumes até 2010. A editora também planeja lançar as *Obras completas* e, mais adiante, oferecer os livros em formato de bolso.

Segundo ponto: há que se perguntar o que define a necessidade de se retraduzir uma obra. O en-

velhecimento da linguagem, diria Wilhelm Von Humboldt, para quem “as traduções, mais do que obras duradouras, são trabalhos que põem à prova o estado de uma língua em uma determinada época, o definem e devem influir sobre ele, tendo sempre de ser novamente refeitas” (Humboldt 2001, 103). As retraduições podem igualmente ser motivadas pela discordância com as traduções ou com as edições anteriores, por um desejo de aprimorar o texto, diria Berman, para quem “as primeiras traduções não são (e não podem ser) as maiores” (2007, 96-97). Para Berman, qualquer “primeira tradução” clama por uma retradução, sendo que é na retradução, ou melhor, nas retraduições sucessivas ou simultâneas, o espaço em que a tradução joga. Mas há também os aspectos de mercado que podem definir uma retradução, como quando uma editora não fecha uma negociação de compra dos direitos da tradução antiga e, por isso, precisa mandar refazê-la.

Pois bem, dito tudo isso, começo analisando o projeto de tradução da Companhia das Letras. Impressionam as semelhanças com a edição anterior (Globo, 2001): o formato da nova edição é leve-

mente (um centímetro) mais largo, mas a capa é do mesmo tipo de papel, com figuras abstratas em ambas as edições, com a diferença de que a da Companhia é uma reprodução de uma gravura do Museu de Arte Contemporânea da USP. A edição da Companhia usa uma foto de Borges na folha de rosto; a da Globo estampa Borges na contracapa. A edição da Globo traz o texto da orelha assinado por Jorge Schwartz; a da Companhia traz um texto anônimo na orelha e não apresenta os prefácios de Borges e de María Kodama que estavam na edição da Globo. O papel é o mesmo, a tipologia é muito semelhante e o projeto gráfico levemente distinto. Como ponto positivo, está a decisão da Companhia de destacar o nome do tradutor na contracapa do livro, juntamente com um trecho do conto “O Aleph”, afinal, Arrigucci Jr. é um intelectual respeitado no país. A nudez da edição em termos de paratexto pode ser em parte atribuída à viúva de Borges, Maria Kodama, que costuma fazer muitas exigências para ceder os direitos da obra, como a de não serem agregados prefácios. Mas o fato é que a nova edição da Companhia das Letras decepciona por sua falta de diferenciação frente à

edição antiga. Não restando ao leitor o prazer de escolher essa nova edição pelo projeto gráfico ou pelo paratexto, resta-nos analisar a tradução.

A edição anterior, da Globo, trazia poucas notas de tradução: apenas três e estão dispostas incomodamente no final do livro. A edição da Companhia acerta ao colocar as notas no pé da página. Quanto ao conteúdo, as notas de Arrigucci Jr., no total de sete, são bem-vindas ao esclarecer termos como *montonero* ou *compadrito*, coisa que a tradução de Cardozo não faz e por isso acaba, no primeiro caso, buscando um equivalente para o termo, e, no segundo, deixando o termo em itálico, mas sem explicar seu significado. Vejamos o trecho que exemplifica a primeira situação, extraídos do conto “Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874)”:

No dia 6 de fevereiro de 1829, os guerrilheiros que, fustigados por Lavalle, marchavam do Sul para incorporar-se às divisões de López, pararam em uma estância cujo nome ignoravam (...)(Cardozo, p. 61)

No dia 6 de fevereiro de 1829, os *montoneros** que, já fustigados por Lavalle, marchavam do sul para se incorporar às divisões de López, fizeram alto em uma estância cujo nome ignoravam (...)

* Guerrilheiros *gaúchos* e índios que participavam das milícias conhecidas por *montoneras* na guerra que se travou durante o processo de independência da Argentina e do Uruguai, nas primeiras décadas do século XIX. (Arrigucci Jr., p. 49)

O texto de Arrigucci Jr. opta por soluções mais coloquiais na construção das frases, o que me parece um acerto. Evita a próclise, que, sabemos, formaliza a linguagem. Certamente é preciso lembrar que a tradução de Cardozo é do início dos anos 1970, quando ainda havia maior rigidez no uso dos pronomes:

Foi ferido no antebraço, no ombro, na mão esquerda; feriu gravemente os mais bravos da partida; quando **o sangue lhe correu** entre os dedos, lutou com mais coragem que nunca; ao amanhecer, tonto pela perda de sangue, **desarmaram-no** (“Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874”, por Cardozo, pp. 62, 63)

Foi ferido no antebraço, no ombro, na mão esquerda; feriu de morte os mais valentes da patrulha; quando **o sangue correu** entre seus dedos, lutou com mais coragem do que nunca; por volta do alvorecer, aturdido pela perda de sangue, **foi desarmado**. (“Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874)”, por Arrigucci Jr., p.50)

Ainda no conto “Biografia”, vemos no seguinte trecho outras opções para deixar o texto mais coloquial por parte de Arrigucci Jr.:

Uno de los peones, borracho, se burló de él. Cruz no le replicó, pero en las noches del regreso, junto al fogón, el otro menudeaba las burlas, y entonces Cruz (que antes no había demostrado rencor, ni siquiera disgusto) lo tendió de una puñalada. (“Biografía de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874)”, original, p. 561)

Um dos peões, bêbado, zombou dele. Cruz não **lhe respondeu**, mas nas noites **do regresso**, junto à **fogueira**, o outro amiudava as zombarias, e então Cruz (que antes não demonstrara rancor, nem sequer desgosto) o **estendeu** com uma punhalada. (“Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874)” por Cardozo, p.62)

Um dos peões, bêbado, zombou dele. Cruz não **deu troco**, mas nas noites **da volta**, junto do **fogo**, o outro amiudou as zombarias, e então Cruz (que antes não demonstrara rancor nem mesmo contrariedade) o **estatelou** com uma punhalada. (“Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874)” por Arrigucci Jr., p. 50)

A escolha de Arrigucci Jr. pela expressão “dar troco” ao invés de responder ou retrucar, deixa o registro mais coloquial. A opção pelo verbo “estatelar” é interessan-

te, pois significa “fazer cair ou cair de chapa ou estendido sobre uma superfície”. O uso de “noites da volta” ao invés de “noites do regresso”, de “fogo” ao invés de “fogueira” também vão na mesma direção. Quanto ao uso dos pronomes demonstrativos, que no original situam a ação e o discurso num tempo mais próximo, na tradução de Arrigucci Jr., ocorre um distanciamento. No original e na tradução de Cardozo, o narrador se refere a fatos que ocorreram numa noite determinada, “nessa” noite fatídica referida no conto; já Arrigucci Jr. interpreta o trecho como se o narrador estivesse mais envolvido com a lembrança “daquela” noite. Vejamos os exemplos:

De los días y noches que la componen, sólo me interesa una noche; del resto no referiré sino lo indispensable para que **esa noche** se entienda.

(Original, p. 561)

Dos dias e noites que a compõem, só me interessa uma noite; do resto não contarei senão o indispensável para que **essa noite** seja entendida.

(Cardozo, p. 62)

Dos dias e noites que a compõem, só me interessa uma noite; do restante só vou relatar o indispensável para se entender **aquela noite**.

(Arrigucci Jr., p. 49)

O mesmo ocorre nos seguintes trechos:

Bien entendida, **esa noche** agota su historia; mejor dicho un instante **de esa noche**, un acto **de esa noche**, porque los actos son nuestro símbolo.)

(Original, p. 562)

Bem entendida, **essa noite** esgota sua história; ou melhor, um instante **dessa noite**, um ato **dessa noite**, porque os atos são nosso símbolo.

(Cardozo, p. 63)

Bem entendida, **aquela noite** esgota sua história; ou melhor, um instante **daquela noite**, um ato **daquela noite**, porque os atos são nosso símbolo.

(Arrigucci Jr., p. 51)

Ainda no conto “Biografia de Tadeo Isidoro Cruz (1829-1874)”, destaco um trecho problemático em ambas as versões para exemplificar como a tradução do espanhol pode ser traçoira:

Cualquier destino, por largo y complicado que sea, consta **en realidad** de *un solo momento*: el momento que el hombre sabe para siempre quién es.

(Original, p. 562)

Qualquer destino, por longo e complicado que seja, consta **da realidade** de *um único momento*: o momento em que o homem sabe para sempre quem é.

(Cardozo, p.63)

Qualquer destino, por longo e complicado que seja, consta **na realidade** de *um único momento*: o momento em que o homem sabe para sempre quem é.
(Arrigucci Jr., p.51)

A expressão *en realidad* é uma locução adverbial que significa “sem dúvida”, “efetivamente”, “na verdade”. Na tradução de Cardozo, “qualquer destino consta **da** realidade de um único momento”, o sentido da frase é alterado. Já a tradução de Arrigucci Jr., por não colocar a locução entre vírgulas, dá margem à ambigüidade. A tradução do mesmo conto para o inglês traduz *en realidad* por *actually*, ratificando essa leitura do trecho.

Any life, however long and complicated it may be, **actually** consists of a *single moment* - the moment when a man knows forever more who he is.
(Hurley, p. 42)

Arrigucci Jr. oscila entre soluções mais descoladas do original e trechos bastante literais. E, embora simplifique a sintaxe e o léxico em alguns trechos, em outros, faz escolhas que elevam o registro do original. Vejamos trechos do conto “O morto”:

El caudillo de la **parroquia** le da una carta para un tal Azevedo Bandeira,

del Uruguay. (...) No da con Azevedo Bandeira; hacia la medianoche, en un almacén del Paso del Molino, asiste a un **altercado** entre unos troperos. (Original, p. 545)

O caudilho da **paróquia** dá-lhe uma carta para um tal Azevedo Bandeira, do Uruguai. (...) Não encontra Azevedo Bandeira; pela meia-noite, num armazém do Paso del Molino, assiste a uma **discussão** entre alguns tropeiros. (Cardozo, pp. 35-36)

O caudilho **local** entrega-lhe uma carta para um tal de Azevedo Bandeira, do Uruguai. (...) Não encontra Azevedo Bandeira; por volta da meia-noite, num armazém do Paso del Molino, assiste a uma **altercação** entre alguns tropeiros. (Arrigucci Jr., p. 27)

Arrigucci Jr. opta por “caudilho local” ao invés de “caudilho da paróquia”, se descolando do original. Mas para traduzir “altercado”, usa uma solução literal, que vem a ser uma palavra de uso limitado no português brasileiro: “altercação”. Uma busca no Google traz 4.370 páginas brasileiras com a palavra “altercação”, contra 524 mil páginas em espanhol com a palavra “altercado”. “Altercado” é uma palavra passível de ser encontrada na imprensa diária dos países hispânicos, mas em um jornal brasileiro seria raríssimo ler “altercação” em uma notícia. O

corrente seria usar “discussão” ou “bate-boca”. Vejamos agora mais um trecho:

Para, en el entrevero, una puñalada baja que un peón le tira a un hombre de **galera oscura** y de poncho. Éste, después, **resulta** ser Azevedo Bandeira. (...) Azevedo Bandeira da, aunque **fornido**, la injustificable impresión de ser contrahecho; en su rostro, siempre demasiado cercano, están el judío, el negro y el indio; en su **empaque**, el mono y el tigre; la cicatriz que le atraviesa la cara es un adorno más, como el negro bigote **cerdoso**. (Original, p. 545)

Segura, no entrevero, uma punhalada baixa que um peão desfere contra um homem de **chapéu escuro** e de poncho. Este, depois, **resulta** ser Azevedo Bandeira. (Otálora, ao sabê-lo, rasga a carta, porque prefere dever tudo a si mesmo.) Azevedo Bandeira, embora **robusto**, dá a injustificável impressão de aleijado: em seu rosto, sempre demasiado próximo, estão o judeu, o negro e o índio; em sua **afetação**, o macaco e o tigre; a cicatriz que lhe atravessa a face é mais um adorno, bem como o negro bigode **cerdoso**. (Cardozo, p. 36)

Apara, no entrevero, uma punhalada baixa que um peão dá num homem de **chapelete** escuro e poncho. Depois, este **vem a ser** Azevedo Bandeira. (Otálora, ao saber, rasga a carta, porque prefere dever tudo

só a si mesmo.) Azevedo Bandeira, apesar de **fornido**, dá a injustificável impressão de ser aleijado; em seu rosto, sempre próximo demais, estão o judeu, o preto e o índio; em sua **catadura**, o macaco e o tigre; a cicatriz que lhe atravessa a face é um enfeite mais, como o negro bigode **hirsuto**. (Arrigucci Jr., p. 27)

Pode parecer estranho, mas “galera” é mesmo uma cartola e não um chapéu qualquer nem um “chapelete” que, segundo o Houaiss, é um chapéu pequeno. Talvez os tradutores tenham ficado receosos em optar por “cartola” por considerarem que um contrabandista não a usaria, porém o folclore argentino¹ registra o uso desse tipo de chapéu pelos *gauchos*. E, diga-se de passagem, a composição do personagem e da própria cena ficam mais interessantes com um homem portando uma cartola. A opção de Arrigucci Jr. de traduzir “resulta” por “vem a ser” me pareceu adequada, sendo esse um verbo por vezes problemático para os tradutores do espanhol. Sobre a seleção lexical, nesse trecho, parece haver um enobrecimento do registro do original. Por exemplo, no caso de “fornido”, a opção de Arrigucci Jr. foi literal, mas talvez “robusto”, “forte” ou “encorpado” ficas-

se mais próximo do uso mais corrente da língua. O mesmo ocorre na escolha de “catadura”, visto que poderia ter sido usado “aspecto”, “semblante” ou “expressão”. A escolha de “hirsuto” (segundo o Houaiss; “provido de pêlos ou cabelos longos, duros e grossos; cerdoso”) é mais complicada. Uma busca no Google revela que “cerdoso” tem sido mais usado para qualificar pêlos de animais. “Hirsuto” é igualmente muito pouco usado, mas a escolha é correta para qualificar um farto bigode negro, na falta de palavra melhor.

Para finalizar, um trecho extraído do conto “O Aleph” e que exemplifica o frágil equilíbrio da tradução e os caminhos tortuosos da interpretação:

Beatriz era alta, frágil; muy ligeramente inclinada; había en su andar (si el oximoron es tolerable) una como **graciosa torpeza**, un principio de éxtasis (...). Original, p. 618.

Beatriz era alta, frágil, ligeiramente inclinada; havia em seu andar (se for tolerável o oximoro) uma como que **graciosa lentidão**, um princípio de éxtase (...). Cardozo, p. 159.

Beatriz era alta, frágil, levemente curvada; havia em seu andar **desajeitado** (se o oximoro for tolerável) **uma graça**, um princípio de éxtase (...). Arrigucci Jr., p. 137.

O oximoro original pretendido por Borges está em adjetivar a “torpeza” como “graciosa”. Cardozo entendeu “torpeza” como “movimento lento e pesado” mas, a princípio, não há contradição (oximoro) entre “lentidão” e “graciosa”. Já Arrigucci Jr. interpretou torpeza como “falta de habilidade ou destreza”, qualificando o andar como “desajeitado”. Ambas as acepções escolhidas pelos tradutores estão no dicionário eletrônico da *Real Academia Española*:

torpe

1. adj. Que es de movimiento lento, tardo y pesado;

2. Desmañado, falto de habilidad y destreza

Como vimos, Arrigucci Jr. forma o oximoro opondo as idéias de “graça” e “desajeitado”, o que está correto por colocar em contato palavras de sentido oposto. No entanto, conforme Borges explica no conto “O Zahir”, que também integra *O Aleph*, na figura do oximoro “se aplica a uma palavra un epíteto que parece contradecirla” (p. 590). Por essa concepção, haveria um problema na construção frasal, pois desajeitado qualifica o “andar”: “havia uma graça em seu andar desajeitado”. Para ser mais fiel à figura, conforme o próprio Borges

a conceitua, usando o epíteto, talvez fosse mais exato dizer que havia em seu andar uma “desajeitada graça”. Mas é preciso admitir que muitos autores não mencionam a exigência do epíteto para o oximoro, apenas sublinhando que a figura deve colocar em contato palavras de sentido oposto que parecem se excluir mutuamente.

Concluindo, a tradução de Arrigucci Jr. é, sem dúvida, uma ótima tradução, bem meditada e bem executada, mas que, como toda a tradução, não é definitiva e deixa passar pontos que podem ser questionados. No entanto, toda retradução é sempre uma iniciativa

louvável, que enriquece a leitura da obra em questão. As opções e os questionamentos aqui expostos só enriquecem o jogo da tradução. Como Borges já dizia, cada tradução é “un largo sorteo experimental de omisiones y de énfasis”.

Marlova Aseff
UFSC

Notas

¹ Ver “Indumentaria del hombre y de la mujer”.

In: <http://www.elfolkloreargentino.com/indumentaria/sombrero.htm>.
Acessado em 24/7/2008

Ver <http://www.elfolkloreargentino.com/indumentaria/sombrero.htm>
